

BANANEIRO, BARBEIRO E JORNALISTA

Juó Bananére (1892-1933)

OLGA DE SÁ

Pseudônimo do engenheiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, Bananére, nascido em Pindamonhangaba, se proclama candidato “à Gademia Baolista de Letras”.

Dizem que Pindamonhangaba é a cidade de muitos homens de letras, porém só um deles, político e historiador, o Barão Homem de Melo, ocupou cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Diz de Bananére, Folco Masucci, editor de seu livro mais conhecido: **La divina increnca**, 1966, 2 edição. A primeira é de 1924:

Satírico terrível criou um estilo humorístico empregando metade do português e metade do italiano, escrevendo, com clareza, na algaravia quase desaparecida então comum nos bairros paulistanos habitados por imigrantes peninsulares.

Marcondes Machado nunca foi nacionalmente conhecido nem reconhecido; mas o tipo por ele criado, Bananére, vulgo Bananeiro em São Paulo, barbeiro e jornalista, tornou-se popular, em sua época. Seu nome consta no **Dicionário de Escritores Paulistas** com indicação de várias de suas obras, sua independência política e financeira, o entusiasmo pela arquitetura colonial brasileira (p.327-28). Em 1954, foi destacado num artigo de Otto Maria Carpeaux no **Diário de São Paulo**.

Pode ser considerado o precursor da paródia moderna.

Oswald de Andrade tinha deferências para com Marcondes Machado, que dera sangue, linguagem e vida a seu personagem em *O Malho: Juó d'Abaixo Piques Bananére*, caricaturado por Lemmp Lemmi, o Voltolino.

Décio Pigntari, considera-o precursor de certos personagens típicos de Antônio de Alcântara Machado e até de **Macunaíma** ou de **Serafim Ponte Grande**.

No dialeto caipira de Bananére, mesclado com a fala italiana de S. Paulo, aparecem o interior e a capital. Jogo de “boccia” e moda de viola, como bem assinala Moacir Ferrari Amâncio, sobre o autor, em artigo intitulado **Concerto para viola caipira e violino**.

A produção de Bananére, segundo Elias Thomé Saliba, se dispersa entre 1910-1929, encontrando-se nas páginas de **O Pirralho**, **O Queixoso** e outros pequenos jornais da época.

Foi chamado de “o cronista mais popular da cidade” por Antônio de Alcântara Machado; Carpeaux disse ser ele “uma voz da democracia paulista”; outros o consideraram pré-modernista e ainda outros, um humorista ressentido, vingando-se do rótulo de “Carcamano”, dado aos imigrantes italianos. (Carelli, 1985, p.103-122)

Saliba, que também cita Carelli, ressalta, porém, o “lastro cultural caipira”, que atribui ao fato de ser natural de Pindamonhangaba e ter passado a infância e adolescência em Araraquara e Campinas, isto é, no interior de S. Paulo.

Bananére capta a fala paulista da época e a reproduz, graficamente, segundo Saliba. Chega a ressaltar alguns traços essenciais do chamado “dialeto caipira”, registrados por Amadeu Amaral. Bananére gravou, em 1920, alguns de seus poemas em disco. Tudo se perdeu na leitura, hoje a “mímica, o tom da voz e o improviso gestual” do humorista (Saliba, art. cit.)

Imaginem As pombas de Raimundo Correa, o Ora direis ouvir estrelas de Bilac, ou O corvo de Poe, declamados nessa língua estropiada, mistura de italiano com português, assimilando o linguajar caipira, sem ser nem uma coisa nem outra e se parecendo um pouco com todas elas, Só podemos vê-lo aí como registro dos mais característicos daquele caldo de cultura, híbrido e instável, típico da ‘belle époque’ paulista. (Saliba, art. cit.)

Bananére deixa passar por sua obra como passa certamente por seu “Salón de barbieri”, uma galeria de tipos que perambulam pela “Barra Funda”, “Buó Rittiro”, tais como varredores de rua, vendedores, todos “avacagliados” na vida. Na fábula-paródia de La Fontaine U lobo i u gordeirigno que termina como já se sabe no lobo comendo

o cordeiro, Bananére tira a moral da história:

“O qui vale nista via é u muque”

Cláudio Bertolli Filho escrevem na **Folha Vale** da Folha de S. Paulo, artigo intitulado: **Juó Bananére, um vale-paraibano do “Bó Ritiro”**, em que mostra como Juó Bananére satirizava os políticos conservadores, como Altino Arantes, Oscar Rodrigues Alves e o Conselheiro Rodrigues Alves e, segundo Carpeaux, entre 1917-30, era dele o terror.

No prefácio da 2 edição de **La divina increnca** responde Mário Leite à pergunta que faz a si mesmo a respeito do sucesso de um livro que não se enquadra nos padrões da literatura da época:

Tem a característica da peculiaridade, revela valor e desperta interesse, na observação e na fidelidade que a sua crítica embora caçoísta, dá ao retrato de uma época. É apresentado, para aprazimento do leitor, em curioso fraseado, que tem a alegria álaque dos bairros populares, que realça a anedota e dá expressão à sátira e à paródia. (Leite, *La divina increnca*, prefácio, p.06)

Esses bairros populares com características “de verdadeiros burgos italianos” são Brás, Bom Retiro e Casa Verde, em São Paulo.

A feição italiana [...] era avivada pelo transbordamento, dos lares para as ruas, da sua formosa língua, popularizando e se entremeando de termos e frases portuguesas na formação de uma loquela, inçada de locuções próprias e mesmo de ditérios, que, auxiliada por mímica abundante, era por todos entendida e até praticada. (Leite, *La divina increnca*, prefácio, p.07)

Hoje, Bananére é, quase desconhecido, no Vale, mas foi tema de tese acadêmica de Mario Carelli.

O humor de Bananére é da melhor safra brasileira e deveria ser programa de grande riso, nas rodas paulistas, ouvi-lo recitar:

“Vai a primeira pombigna dispertada,
I maise outra vai disposta da primeira;
I outra maise, i maise outra, i assi dista mniera
Vai s'imbora tutta pombarada”

Bio-Bibliografia de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, Juó Bananére. In: MELO, Luis Correia de F., **Dicionário de autores paulistas**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de S. Paulo, 1954.

Antologia: Juó Bananére
O Lobo I O Gordeirigno

Fábula di LaFontana
Traduço Du Bananére

Um dia n'um riberó
Chi tê lá nu Billezinho,
Un bunito gordeirinho.

Abebia o gorderigno,
Chetigno come um Juriti,
Quando dum mtto vizigno
Um brutto lobo sai.

O lobo assí che inxergô
O pobre gordêro bibeno,
O zoglio arrigalô
I logo giá fui dizeno:
- Olá! Ó sô gargamano!

Intó você non stá veno,
A agua che io stô bibno!?

- Ista é uma brutta galunia
Che o signore stá livantáno!
Vamos xamá as tistimunias,
Fui o gordêro aparlano...

Non vê intô Incelencia,
Che du lado d'imbaixo stó io
I che nessun ribêro ne rio,
Non gôrre nunca p'ra cima?

- Eh! Non quero sabe di nada!
Si você no sugió a agua,
Fui você chi a simana passada
Andó dizem que io sô um pau d'agua.

- Mio Deuse! Che farsidade!
Che genti mais mntirosa,
Como cuntá istas prosa,
Si tegno seis dias d'idade?!

- Si non fui você chi aparlô,
Fui um molto apparicido,
Chi també tigna o pello cumprido
I di certo chi é tuo ermo.

- Giuro, ó inlustre amigo,
Che istu també é invençô!
Perché é verdade o che digo,
Che nunca tive um ermô.

- Pois se non fui tuo ermo,
Cbemos com ista mexida;
Fui di certo tuo avó
Che mexê c'ao migna vida.

I avendo accussi parlato,
Apigó nu gorderigno,
Carregó illo p'ru matto
I cumetti illo intirigno
MORALE: O QUE VALE NISTA VIDA É O MUQUE!

AS POMBIGNA

I' ru aviadore chi pigó o tombo

Vai a primeira pombigna dispertada,
I maisse otra vai disposta da primeira;
I otra maisse, i maisse otra, i assi dista maneira,
Vai s'imborá tutta pombarada.

Pássano fóra o dí i a tardi intêra,

Catáno as formiguigna ingoppa a strada;
Ma quano vê a notte indigraziada,
Vorta tuttos in bandos, infilêra.

Assi tambê o Cícero avua,
Sobí nu spaço, molto alé da lua,
Fica piqueno uguali d'un sabiá.

Ma tuttos dia avua, alegre, os pombo!...
Inveis chi o Muque, desdi aquilio tombo,
Nunga maise uiz sabe di avuá.

PRA MINHA ANAMURADA
Juó Bananére

Xinguê, xingaste! Vigna afatigada i triste
I triste i afatigada io vigna
Tu tigna a arma povolada si sogno
I a arma povoladadi sogno io tigna

Ti amê, m' amasti! Bunitigno io éra
I tu també era bunitigna

Tu tigna uma garigna di féra
E io di féra tigna una garigna.

Uma vez ti beigê a linda mó
I a migna mó vucê begió

Vucê mi apisô nu pé, e io non pisê no pé da signora

Moltos abracio mi deu você
Moltos abracio io tambêti dê
U fora você mi deu, E io tambê ti dê u fora

NEL MEZZO DEL CAMIN...
Olavo Bilac

Cheguei, Chegaste. Vinhas fatigada

E triste, e fatigada eu vinha
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos ano, prêsa à minha.
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,

Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

BANANÉRE, Juó. *La divina incrensa*. São Paulo Ed. Folco Masucci, 1996. P.19, 20 e 29

Á, Olga de. *Arte e cultura no Vale do Paraíba: Literatura*. Lorena: CCTa, 1998. P.101-109